



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

DIVERSIDADE SEXUAL: UM FLORESCER DE NOVAS FORMAS DE CLASSIFICAÇÕES DE GÊNERO

José Hildemarcio Mendes Soares

Universidade Federal da Paraíba – UFPB (marcio.017@hotmail.com)

Introdução

A sociedade contemporânea está marcada pela fluidez, pela efemeridade e pela dúvida, buscando respostas e certezas que lhes fixem em algo ou que lhe possa ater. E isso causa ansiedade e medo do presente, do amanhã, pelo simples fato de não entender e nem acompanhar as transformações sociais pela qual passam as relações humanas.

A situação é tão grave que as pessoas se fecham em seu “mundinho”, se isolando ou tentando se proteger de qualquer coisa que não sabe o quê, chegando a expelir tudo o que sua consciência denota que é ruim, errado, pecado, enfim, alguma coisa suspeita. E o pior é que esse sentimento de rejeição se externa, de tal maneira que prejudica quem está ao seu redor e conseqüentemente a toda uma sociedade que depende das boas relações para que se desenvolva em todos os aspectos.

Além do mais, as conseqüências desses indivíduos que não buscam conhecer sua realidade ou pelo menos respeitá-la são desastrosas, pois coloca em risco vidas alheias, chegando a levá-las a traumas e mortes.

No entanto, a sociedade brasileira precisa entender que cada ser humano tem suas particularidades, seus desejos e gostos, onde cada qual faz o que lhe dá prazer ou mesmo que lhe faz bem. Assim, por exemplo, a orientação sexual é intrínseca a qualquer indivíduo, podendo ser heterossexual, bissexual, homossexual ou trans. E é o que está aí, uma diversidade sexual e novas classificações de gênero que a maior parte da sociedade não consegue assimilar, digerir e nem faz por onde entender.

Neste sentido, o século XXI veio para mostrar uma sociedade bem diversificada, bem como quebrar padrões tidos ao longo da história da humanidade como o “correto”, o “certo”. E em meio a esse “hibridismo” de sexualidade que se convive contemporaneamente, está faltando tolerância e respeito, e até mesmo conhecimento de causa, uma vez que os estereótipos são gritantes para com as pessoas que não se enquadram no modelo vigente. Levando as pessoas a entrarem em conflitos por



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

não conhecem e por entenderem, de forma equivocada, como bem se vê em muitos nos noticiários da TV, jovens espancando e matando outros jovens homossexuais. E isso, é uma realidade que se manifesta em todos os espaços e até mesmo no sei familiar com piadas e agressões verbais.

Assim, esta pesquisa em andamento tem como proposta levar o conhecimento e a conscientização da diversidade sexual e, entenda que todos têm os mesmos direitos que qualquer cidadão independente de sua orientação sexual.

Deste modo, essa pesquisa justifica-se pelo interesse minimizar os conflitos sociais decorrentes de questões relacionadas a alteridade, notadamente a opção sexual. E ainda, pela necessidade de produzir conhecimento, sobre esta temática, ainda notadamente as escolas e na nossa sociedade. Podendo contribuir indiretamente para uma sociedade mais preparada para conviver com o diferente. Uma sociedade múltipla, plural.

Metodologia

Para a execução deste estudo esta sendo feito um levantamento das referências bibliográficas e o uso de diferentes fontes, a exemplo de textos, artigos de revistas, pertinentes ao recorte da temática em estudo para que se tenha embasamento teórico e conhecimento de causa dos assuntos ou tema discutido. Outro instrumento de análise serão os vídeos/documentários, vistos ser uma fonte visual que contribui para melhor entendimento.

A pesquisa vem sendo conduzida por meios de leituras bibliográficas, quando buscando entender os porquês dos conflitos em relação à sexualidade, pelo simples fato de um determinado colega ter gostos e comportamentos diferentes.

Neste sentido, para minimizar e tentar acabar com esses preconceitos trabalharemos através de bibliografias variada (textos do livro de Gênero e Diversidade na Escola e artigos de revistas: Nordeste e Educação e Realidade que são leves e de fácil assimilação. Também, será utilizado o filme “Orações para Bobby” que trás uma carga real e dramática da realidade social.

Resultados e Discussão

A questão é muito complexa quando se fala em diversidade de gênero e sexo, uma vez que a sociedade fora desde sua formação educada com padrões heterossexuais muito fortes e legitimada pelas religiões. E tudo que não se adegue neste modelo é considerado “anormal”, estranho, errado, pecado, dentre outros adjetivos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Nesta perspectiva, a heteronormatividade, desde sempre, teve o papel de “mapear as ‘anomalias’ e de estabelecer categorias de identidade pessoal ligada à orientação sexual levando a imposição da heterossexualidade como a orientação sexual ‘natural’, ‘saudável’, ‘normal’”(ROHDEN: 2009, p.125) e qualquer expressão divergente desse padrão são corrigidas. Um exemplo claro desse modelo normalizador é o filme “Orações para Bobby”(2009), onde o personagem Bobby revela ser gay para sua mãe, que é uma religiosa fervorosa e segue à risca todas as palavras da bíblia, e ao saber, imediatamente leva o filho para terapias e cultos religiosos com o intuito de “curá-lo”. A mãe, não admitia a homossexualidade do filho, ao qual denominava de doença, e contra qual, usava a Bíblia para respaldar seus preconceitos. Após sua revelação, Bobby sofre pressão de sua família para deixar sua homossexualidade, e fica transtornado sem saber o que fazer pelos ideais de decência e moralidade que a família passou e pelo que a sociedade pensa, mas, sobretudo pela falta de apoio da família, que foram cruciais em sua decisão de acabar com a própria vida. De tal modo, ela só percebeu que o filho não escolheu ser gay quando ele morreu após ler seu diário e depois de se informar sobre o assunto.

Deste modo, “o que se sabe é que a orientação sexual existe sem que a pessoa tenha controle direto sobre ela. Não se trata de algo que se escolha voluntariamente ou se modifique segundo as conveniências”(ROHDEN: 2009, p.127), já que ser homo, bi ou trans não é uma escolha sexual, mais algo construído social e culturalmente. “Não tem qualquer base ‘natural’, já que ela própria é uma construção social”(ROHDEN: 2009, p.121). E, além disso, “elas podem ser mais ou menos duráveis, variando de caso a caso, e certamente estão sujeitas a uma variedade de contingências e influências”(ROHDEN: 2009, p.133). Enfim, sexualidade não se muda. Ela se desenvolve ao longo da vida devido a diversos fatores. Não é uma escolha consciente. Afinal, a sexualidade não tem uma regra, mas uma diversidade de significados que se expressa individualmente e indistintamente a padrões e comportamentos (ROHDEN, 2009). Portanto, “toda identidade sexual é uma construção instável, mutável, volátil, uma relação social contraditória e não finalizada”(BRITZMAN: 1996, p. 74), disse a pesquisadora canadense.

Neste sentido, “os direitos das pessoas consideradas diferentes são violados”(ROHDEN: 2009, 148), pois a heteronormatividade não admite condutas distinta do modelo estabelecido. E ainda, se apresenta casos piores, em relação à desvalorização da diversidade sexual, a exemplo de ser homossexual, negro/a e pobre. Isso se verifica, nos vários espaços, inclusive na escola que deveria promover a igualdade em presença dos gêneros, pois de acordo com a pesquisa apresentada na Revista Nordeste(2009), 59,7% dos professores julgaram ser inadmissível que uma pessoa tenha



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

relações homossexuais (2012) não gostam de ter vizinhos homossexuais. Lógico que não é uma pesquisa atual, mas os números são alarmantes quando se trata de educadores. Além do mais, segundo a reportagem sobre homofobia, as regiões Norte e Nordeste são as mais preconceituosas e “o preconceito existe, na maioria das vezes, no seio familiar, no trabalho, entre amigos e na religião”(DANTAS: 2009, 43), aponta o autor.

Contudo, muitas são as situações que em uma determinada época ou sociedade que a diversidade sexual fora consideradas normais. Então, percebe-se que depende muito da posição social, etnia, religião, por exemplo. Atualmente, mesmo que na Constituição Brasileira em seu artigo 5º, digam que “todos são iguais perante a lei”, na prática não é o que acontece.

A inferiorização em relação às manifestações de sexualidade, leva ao estigma produzindo e reproduzindo relações de desigualdade social, bem como apavora não só aos considerados “diferentes”, mas a todos que podem ser acusados ou taxados de homossexual. Além disso, a estigmatização “monitora o tipo de contato físico que é possível haver [...] vigia e acusa tudo que considera ser um ‘desvio’, controlando as fronteiras do ‘natural’ das relações ‘entre os sexos’”(ROHDEN: 2009, p. 152). Portanto, em meio a esse controle, na sociedade se apresenta outras manifestações sexuais bem diversificadas.

No entanto, muitas são as classificações de gênero que a sociedade desconhece e não entendem, pois “podemos encontrar grande diversidade de nomeações, representações e identidades que dizem respeito a estilos de vida, preferências estéticas, imagem corporal, idade e geração, classe, religião, etnia/raça, gênero”(ROHDEN: 2009 p.130). Já que, “é possível, por exemplo, praticar relações homossexuais sem se considerar ‘homossexual’ ou ‘bissexual’, assim como sentir desejos homossexuais sem manter relações homossexuais”(ROHDEN: 2009, p.129). Isto demonstra que não existe rótulos para descrever a sexualidade humana, mas pessoas que tem desejos diferentes.

Conclusões

A sexualidade e suas manifestações podem ser consideradas normais ou não, depende do entendimento e abertura das pessoas que o cerca sobre esta questão, pois para alguns, uns aspectos são considerados normais e podem ocorrer manifestações diversas, inclusive quando ocorre com pessoas do mesmo sexo. No entanto, outras manifestações são consideradas anormais pelo fato da percepção sociocultural que foi passado ao sujeito. Ou seja, depende dos valores que cada sociedade ou o que a família passa aos indivíduos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Assim, os indivíduos confundem o sexo biológico, que está ali diante do espelho, com o gênero, que é uma construção social. Então, está obvio que a orientação sexual é construída ao longo de sua vida e que não existe homem e mulher por natureza, a pessoa ao nascer é um ser neutro. Ser homem ou mulher é então um produto da cultura, do meio, da sociedade, uma construção.

Contudo, a sexualidade é bastante complexa e indefinida, pois os gêneros podem nascer com um determinado sexo, porém ter gostos e vontades diferentes do que habitualmente aquele sexo deveria possuir. Não é porque nasceu masculino que deva gostar de uma mulher ou vice-versa. No entanto, essa é a lógica que muito se apresenta pela sociedade, fazendo com que a sexualidade se realize segundo o que naturalmente se espera. Estabelecendo que o homem nasça para ser homem e se relacionar com mulher e vice-versa, fazendo com que muitos indivíduos se policiem devido às pressões sociais que permeiam todos os espaços.

Portanto, o papel das instituições educacionais é de inteira e essencial importância na promoção dos direitos sexuais das pessoas, pois ela pode promover o entendimento da pluralidade sexual, bem como proclamar a igualdade e o respeito. Para isso, passando a debater, discutir e dialogar a diversidade sexual e de gênero presente na sociedade, pois já não se admiti mais reconhecer apenas três tipos de orientação sexual (homo, bi e hétero), nem tão pouco rotular. E a partir de práticas inclusivas poderão fomentar um ambiente seguro e formador de cidadania, consequentemente difundir esses ideários ao público e a outros espaços.

Referências Bibliográficas

BRITZMAN, Deborah. **O que é essa coisa chamada amor**: identidade homossexual, educação e currículo. Educação e Realidade. Porto Alegre, v.21, n. 1, jan./jul. 1996.

DANTAS, Paulo. O medo fora do armário. In: **Homofobia**: por que persiste a ira contra os homossexuais. Revista Nordeste, Ano 3 – Nº 33 – Mar./2009, p. 42-47.

ORAÇÕES para Bobby. Direção: Russell Mulcahy. Estados Unidos, 2009.

PORTAL Legislação. **Constituição Federal**. Disponível em <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/con1988_05.10.1988/art_5_.shtm> acesso em 10 de março de 2014.

ROHDEN, Fabíola (Coor.). **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009, p. 17-182.